



por Huberto Rohden

O principal requisito para poder educar é ser educado.

Ser educado significa, na linguagem comum, ter bons modos, boas maneiras sociais. Mas não é este o sentido real e último de ser educado; a própria filosofia o desmente. "Educar", como já lembramos, quer dizer "eduzir", isto é, "conduzir para fora" (ex-ducere, e-ducere).

Eduzir o quê? Eduzir das profundezas da natureza humana algo que nela esteja contido e se ache ainda em estado latente ou dormiente; despertar na alma do educando elementos positivos e bons e entregar a esses elementos o governo da vida.

Pois, deve o educador saber que todo o ser humano é um "universo", isto é, uma unidade (uni) que se desdobra em diversidade (verso). Existem na natureza humana numerosas camadas ou potencialidades, desde as mais baixas até as mais altas. Todo homem é um "microcosmo", um pequeno cosmos, um universo em miniatura. Todo ser humano, desde o momento da sua concepção, é uma síntese condensada de toda essa epopéia multimilenar da história da humanidade que o precedeu. Dentro de cada homem ecoam as vozes de milhares e milhares de gerações humanas, e também infra-humanas, que precederam o estado atual e da sua evolução.

Entretanto, se ria erro gravíssimo supor que essas vozes sejam apenas brados do subconsciente animal, vegetal e mineral do seu ego físico; também os ecos do mundo superconsciente, fonte primária do subconsciente pré-histórico e do consciente histórico, repercutem, débeis ou fortes, através da natureza humana. Todo homem é uma imensa mescla de luz e trevas, de elementos positivos e negativos; nele cantam os anjos das alturas e gemem os demônios das profundezas. Compete ao educador eduzir e reforçar os elementos positivos e reduzir e reprimir os elementos negativos.

O homem, filho da luz divina, é como o nosso planeta Terra, filho da luz solar. A superfície da nossa terra é escura e fria; mas, com cada 30 metros de profundidade, o calor aumenta por 1 grau. Na profundidade de 50 quilômetros, a terra é incandescente; a 200 quilômetros, ela é luz solar radiante, sem nenhuma consistência sólida. Por fora, o homem é corpo material, sem nenhuma consciência divina. Mais para dentro, na zona mental-emocional, há certo calor e um pouco de luz. No centro espiritual, na alma, o homem é luz da Luz, luz divina em forma humana. Se ele consegue lucificar, pela força da luz central, a semi-luz ou a escuridão periféricas, terá realizado o seu grande destino, e será intensamente feliz.

Na camada externa da sua natureza, todo homem é egoísta, dominado pelo instinto do egocentrismo biológico, como qualquer planta e animal (para não falar do mineral, que também é egoísta a seu modo). É a lei fundamental de todos os indivíduos, o grito da "conservação do indivíduo", em virtude do qual toda criatura procura afirmar a sua vida individual, mesmo à custa de todas as outras vidas, se necessário for. É o egoísmo inconsciente de toda natureza infra-humana. No plano menos externo, o da inteligência, aparece esse egoísmo na forma mais nítida e violenta de um egocentrismo consciente, dominado pelo intelecto. Nessa zona calcula o homem os meios mais eficientes para afirmar a sua existência individual e dar-lhe a maior expansão e garantia possível (der Wille zur Macht, de Nietzsche, a vontade do poder), que é uma potencialização da "vontade de viver" (der Wille zum Leben) de Schopenhauer.

A humanidade de hoje se acha em grau avançado nesse plano do egoísmo intelectual. De vez em quando surge, do seio dessa imensa massa de egoístas mentais algum homem que se diz altruísta, e uns pouquíssimos dos que assim se apelidam são realmente altruístas, enquanto a turba multa dos outros se contenta com hastear na fachada do edifício da sua vida a bandeira do altruísmo, e à sombra da mesma continua a cultivar o seu velho egoísmo; são os egoístas disfarçados, piores que os egoístas manifestos.

Palavras como "caridade", "filantropia" são, hoje em dia, bandeiras clássicas para camuflar vastas zonas de egoísmo. O altruísta pratica "ética", em que ele vê o ápice da perfeição humana, ao ponto de incluir o próprio Deus no rol dos seres éticos, amigo dos seus amigos e inimigo dos seus inimigos. Para além do altruísmo ético se alarga o campo quase ignoto do misticismo espiritual. Os habitantes dessa zona ultrapassaram a concepção ética e entraram no setor propriamente espiritual. Transcenderam o plano horizontal da mente e invadiram afoitamente o universo vertical do espírito. O espiritualista místico é essencialmente transcendente e dualista; traça nítida linha divisória entre espírito e matéria, entre Deus e o homem; vê Deus como algo totaliter aliter (totalmente diferente) de tudo que há no mundo; para ele, Deus deixou de ser um super-homem, como ainda é para o ético antropomorfista. É esta a zona clássica da fé (fé, em sentido teológico). Os hebreus da antiguidade, sob a chefia de Moisés, e os muçulmanos da atualidade, sob o signo do islam (que quer dizer submissão) são formas típicas desse espírito transcendente da fé num Deus distante, supremo ditador do homem e do mundo. Também as teologias eclesiásticas do Ocidente, romana e protestante, professam o mesmo credo.

Pode o homem ultrapassar essa zona do misticismo espiritual?

A maior parte dos nossos místicos e espiritualistas não consegue transpor a invisível fronteira; a sua espiritualidade

é algo fora do mundo; para eles, o Deus do mundo é eternamente incompatível com o mundo de Deus. De vez em quando, porém, aparece um homem, raríssimo embora, que ultrapassa a fronteira da espiritualidade mística e entra no campo da consciência cósmica, onde a longínqua transcendência do Deus ausente se funde com a propínqua imanência do Deus presente. Para esse pioneiro do Infinito no finito, do finito no Infinito, Deus é a Lei, Luz, Vida, Inteligência, Razão, Espírito, Amor, a Grande Presença; Deus é a alma de todo o Universo e de cada uma das suas unidades individuais, porque tudo penetra e permeia como a íntima e única essência de todas as coisas, sem se identificar com nenhuma delas. O homem, nessas alturas da evolução, se sente como uma onda do grande Oceano, como um raio do grande Sol, como uma vibração da grande Vida, como um pensamento do grande Pensador, como um eco da grande Voz, que é Deus, o Deus transcendente a tudo e imanente em tudo. Não se sente separado do grande TODO, nem idêntico ao grande TODO; sente-se intimamente unido, porém perfeitamente distinto desse TODO Universal. Vive em si mesmo as pulsações da Vida Cósmica, e a Alma do Universo vibra em cada átomo do seu ego individual. Quando o homem atinge as alturas dessa experiência cósmica, é ele realmente "educado", porque "eduziu" das eternas profundezas da sua natureza humana o que nela havia de mais real e dinâmico. Esse homem é um "auto-realizado", um "homem cósmico", ou, no dizer de Paulo de Tarso, uma "nova criatura em Cristo". E só daqui por diante é que ele pode funcionar como verdadeiro "educador" ou "edutor". De que modo poderá ele comunicar a seus educandos a sua própria experiência cósmica? De forma alguma! Se o pudesse e fizesse, cometeria o maior contrabando do universo, um pecado anticósmico, impingindo o reino dos céus àqueles que não estão maduros para o receberem; seria o mesmo que introduzir para o interior da "sala nupcial" uma daquelas cinco virgens tolas do Evangelho que não estavam com suas lâmpadas acesas, por falta de óleo. Felizmente, não é possível semelhante transferência. O professor transfere suas idéias a seus alunos, mas nenhum mestre espiritual pode transferir a sua experiência a seus discípulos. Para que serve, então, essa experiência cósmica do mestre? Serve para preparar um ambiente propício dentro do qual o educando possa ter a sua experiência individual. A experiência vem de dentro de cada um, assim como a planta brota da semente viva; mas essa experiência não desperta se não houver ambiente propício, assim como a semente viva não chega a brotar em planta se não houver umidade terrestre e calor solar. A tarefa do educador é, pois, a que seu nome indica, um "edutor", um criador de ambiente favorável para seus educandos. É, porém, da íntima natureza dessa tarefa que ela só possa ser cumprida por alguém que possua dentro de si o ambiente que deseja criar em seus educandos. "Da abundância do coração é que os lábios falam". Não são as palavras do educador em si, mesmo perfeitíssimas, que preparam o ambiente na alma do educando; mas são as auras imponderáveis, os invisíveis fluidos cósmicos que acompanham as palavras - são eles os criadores do ambiente favorável na alma dos outros. Mas essas auras e esses fluidos não existem na alma do homem que não tenha experiência própria da alma do Universo. Diz o provérbio oriental "quando o discípulo está pronto, o mestre aparece"; também se pode inverter o ditado e afirmar que, quando o mestre está pronto, o discípulo aparece. Onde quer que haja um verdadeiro mestre aí aparecem discípulos, porque a experiência cósmica cria em torno do mestre um "campo magnético" que não conhece fronteiras, e todas as agulhas libertas de impedimentos começam a oscilar rumo ao pólo magnético que algures apareça. Basta que haja alguém com suficiente experiência espiritual, e os discípulos aparecerão, mesmo que o mestre nunca os chegue a conhecer fisicamente, nem funde igreja, escola ou sociedade iniciática - o heliotropismo das almas sensíveis não está condicionado a esses primitivos veículos. Numa palavra: para que alguém possa ser um educador verdadeiro e eficiente tem de ser, ele mesmo, plenamente educado, ecoando a Voz do Infinito, refletindo a Luz do Universo em sua própria pessoa. Só um homem plenamente auto-realizado é que pode ser um verdadeiro educador.

Extraído do capítulo "A educação da consciência" do livro "Novos rumos para a educação" de Huberto Rohden.

(recebido de Juliana - na lista Filosofia Espírita para Crianças www.edicoesgil.com.br)